

No. 150
MAI-JUN-JUL
ANO 21/2011

farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

BREVE HISTÓRICO DA LUTA POPULAR E DO ANARQUISMO NO BRASIL

Sindicalismo Revolucionário e Anarquismo no Brasil

O surgimento do anarquismo está indissociavelmente ligado a formação e as estratégias de luta da classe trabalhadora, especificamente na Europa da segunda metade do século XIX, época que Proudhon considerava como o momento em que "(...) as classes operárias adquiriram consciência delas próprias". As experiências de um conjunto significativo dos oprimidos¹ pelo seu projeto de ruptura com a sociedade capitalista, naquele momento definiram os "últimos" contornos da proposta anarquista, cujo marco ideológico mais nítido pode ser identificado com os conflitos dos socialistas revolucionários² "bakuninistas" com o socialismo autoritário marxista.

O anarquismo enquanto uma **ideologia**, ou seja, um sistema de idéias e valores que possui relação direta com a prática política e a transformação revolucionária; aporta no Brasil com os imigrantes, mas se consolida como uma ferramenta de luta dos trabalhadores "nativos". Aqui, a estratégia política anarquista para os sindicatos, o **sindicalismo revolucionário**, torna-se a principal metodologia adotada pelos operários nos principais centros industriais do país. A ação direta, a autonomia da classe e a democracia direta, de base, são exemplos dos princípios postos em prática pelos trabalhadores para conquistarem seus direitos e necessidades. Nas três primeiras décadas do século XX, as organizações da classe

trabalhadora, potencializadas pelo sindicalismo revolucionário, esforçam-se por lutar contra as investidas das elites dominantes e a nascente burguesia, que se valem, por exemplo, do estado de sítio para atacar os trabalhadores, tratando a questão social, como um "caso de polícia". Algumas conquistas históricas da classe trabalhadora serão alcançadas



Grafiti "Luta Popular" de Anonimografiti.

neste período, como por exemplo, as oito horas de trabalho. A transformação radical permanecerá no horizonte da classe, à despeito da atuação dos sindicatos amarelos³ (reformistas). À precarização crescente do/a trabalhador/a no período da Primeira Grande Guerra, a *Confederação Operária Brasileira* responderá com uma grande greve geral. E em 1918, uma insurreição armada, seguida de uma greve geral, tentará fundar um soviete⁴ brasileiro, inspirada na prática generalizada de autoinstitu-

ção da classe trabalhadora russa, que emerge com mais relevância em 1905 e se radicaliza em 1917, na Revolução Russa. A combatividade dos/as trabalhadores/as dos grandes centros industriais brasileiros do período será alvo de uma intensa repressão, que atingirá especialmente os anarquistas nas décadas de 10 e 20. Na Rússia de Trotsky e

em 1918 e Partido Comunista⁵, em 1919) em território nacional, iniciativa que é interrompida não só pela repressão, mas também pelo "excesso de sindicalismo" que acomete os/as militantes anarquistas brasileiros/as.

Em 1937 o Estado Novo arrasa as entidades de classe, atrelando os sindicatos ao estado e reprimindo brutalmente os opositores políticos. O sindicalismo revolucionário, principal estratégia anarquista para a classe esvazia-se e com ela, e o anarquismo sofre um duro golpe. A opção pela atuação parlamentar do PCB no período introduz um forte **elemento burguês** na atuação da classe, dividindo os/as trabalhadores/as e subordinando a luta social à luta parlamentar.

Os anarquistas durante a ditadura getulista (1937-1945) e a reabertura democrática (1946-1954)

Ao contrário de algumas interpretações tradicionais, que subordinam os acontecimentos históricos aos aportes conceituais de pouco refinamento, o anarquismo não desaparece nem com a fundação do PCB em 1922, nem com o Estado Novo em 1937. O anarquismo está fragilizado, mas os anarquistas não deixam de se organizar. Os contatos, ainda durante o Estado Novo (1937-1945) jamais cessam, mesmo que clandestinos. Reorganizam-se no bojo do congresso anarquista de 1948 e fortalecem suas **organizações específicas** (*União Anarquista do Rio de Janeiro*

Lênin, os marinheiros de Kronstadt, os anarquistas, socialistas e setores de esquerda que não comungam totalmente com as propostas políticas do partido bolchevique são esmagados em 1921; a oposição interna e a democracia do partido bolchevique já tinham sido esmagadas desde 1919. São os germes do totalitarismo. É desta época também, visivelmente inspirada nos preceitos bakuninistas, a tentativa de consolidação da **organização específica anarquista (Aliança Anarquista**

NAS BOCAS...

"A Anarquia, quer dizer, a verdadeira, a franca revolução popular, (...) o mundo triunfante dos trabalhadores."

Mikhail Bakunin

e *União Anarquista de São Paulo*), mas a presença anarquista nos sindicatos é frágil, apesar da valente propaganda ideológica de seus periódicos⁶. A hegemonia política da esquerda no Brasil é do PCB. Este defende a “Constituinte com Getúlio” unindo-se a setores da burguesia “progressista”, linha já definida pela lógica de atuação do comunismo internacional, e em 1945 chega até a condenar e barrar as greves operárias em prol da consolidação democrática no mesmo ano, ferindo a autonomia da classe. O período supostamente democrático que se segue ao fim do Estado Novo não esconde os ataques aos direitos e a autonomia dos trabalhadores pelo governo Dutra (1946-1951); a estrutura corporativista que conecta os sindicatos se mantém. A autonomia e a independência de classe que caracterizam a atuação dos sindicatos no início do século serão substituídas por uma relação de subordinação às estruturas governamentais. Tanto do ponto de vista da estrutura sindical corporativista e da ideologia populista, que transformam o sindicato num apêndice do Estado, quanto da atuação parlamentar do PCB, que subordina as lutas à sua estratégia **legalista**. Em termos globais, o mundo está politicamente dividido entre os blocos do capitalismo e do socialismo “real”, renunciando a famosa Guerra Fria. O suposto socialismo da URSS neste período é denunciado pelas anarquistas brasileiras/as como um imenso **capitalismo de estado**; à despeito das interpretações trotskistas que lhe imprimem um suposto caráter de Estado Socialista “degenerado”, o estado soviético configura-se como um aparato monstruoso de opressão e extermínio⁷ dos dissidentes, um totalitarismo de Estado e o domínio uma nova classe, a **classe dos gestores**⁸. Diga-se de passagem, é importante citar que a militarização dos sindicatos, a verticalização das decisões políticas e a relação de subordinação da classe pelo partido bolchevique, fora delineada e operacionalizada por Lênin e Trotsky.

Em 1964, um novo golpe civil-militar, apoiado por grandes empresários, setores conservadores e arquitetado pelos militares convulsiona o país. Parte da esquerda opta então pela resposta armada, e apesar de muito aguerrida, a estratégia *foquista*, inspirada numa suposta superioridade política da vanguarda comunista sobre a classe, inviabiliza o acúmulo de **força social** necessário

para derrotar a ditadura, pois possui pouca relação com as necessidades e questões do cotidiano dos/as trabalhadores/as. No Brasil, a atuação dos/as anarquistas, apesar de modesta não seria passada despercebida pela ditadura. Integrantes do *Movimento Estudantil Libertário* e do *Centro de Estudos Professor José Oiticica* serão presos e torturados. O anarquismo, assim como outras ideologias da esquerda contrárias a ditadura, também fora proibido pelo sombrio regime militar.

Luta Popular e anarquismo hoje: da abertura democrática (1981 até hoje) aos movimentos sociais contemporâneos

O anarquismo que emerge no período da reabertura democrática é cético com a principal cartada da esquerda no período: a democracia burguesa. Enquanto a principal força da esquerda (PT) se esforça para compatibilizar a estratégia eleitoral burguesa com as lutas de base (sindicatos, movimentos populares e estudantis), os anarquistas estão inseridos em diferentes movimentos populares apostando na auto-organização da classe, o que alguns chamarão de criação de um povo forte. O anarquismo brasileiro que emerge no período democrático é um anarquismo mais amadurecido e apesar do contexto de reconstrução dos laços políticos libertários, é crítico consigo mesmo. Fazem parte deste contexto interno do anarquismo, o aprofundamento do plano teórico libertário, o trabalho de base, a unidade teórica e ideológica, a luta popular e a necessidade das organizações específicas anarquistas, que constituem nossa tradição anarquista.

A caminhada do PT rumo à conquista das instituições burguesas denuncia o que os anarquistas denunciavam há décadas: a incompatibilidade da **luta popular de base transformadora e radical** com a democracia representativa burguesa. Paulatinamente a luta popular é subordinada pela luta parlamentar e pelo imaginário capitalista⁹ que vem acoplado à sua dinâmica. A crise do PT que é muito anterior a eleição de Lula, não fora uma “crise de direção” como alguns setores da esquerda apontam, mas sim uma **crise de concepção, já traçada** na teoria *marxista-leninista* de subordinação da classe pelo partido. Acossado pelo jogo burguês, o partido se molda gradativamente a dinâmica eleitoral. O PT, que abandonara o voca-

bulário socialista bem antes da eleição de Lula, já renunciava ao seu projeto socialista muito antes da crise do *mensalão* em 2003. Portanto, é incorreto afirmar, como o fazem os novos/velhos partidos que surgem no período e que reproduzem a mesma estratégia equivocada, que **somente em 2003** o PT deixou de ser um “instrumento histórico” da classe trabalhadora.

A eleição de Lula/Dilma pacifica os movimentos sociais atrelados ao PT e de sua base aliada. Neste período, os movimentos sociais são **incorporados por meio da cooptação** de lideranças, pacificados pelo **atrelamento de suas agendas de luta ao calendário** e dinâmica institucional do Estado burguês ou simplesmente **reprimidos**, quando se atrevem a enfrentar os inimigos de classe. Direitos históricos dos/as trabalhadores/as são atingidos no âmbito da perversa ofensiva neoliberal. Do ponto de vista latino-americano, o ataque se chama IIRSA, um plano intercontinental de integração do capitalismo: mais roubo, mais exploração, mais saque dos “recursos” naturais. Prepara-se neste período uma grande ofensiva de criminalização da pobreza e de controle social em âmbito nacional: UPP's, PAC, desmonte dos direitos básicos dos trabalhadores (saúde, educação, moradia, etc) e benefício do grande capital transnacional.

Estratégia Popular e Anarquismo

Acreditamos que o momento é de fincar as raízes dum **projeto de organização e poder popular**. Não há revolução sem crise; mas a crise não é mero produto de “contradições” do capitalismo, a crise é a medida da nossa capacidade, enquanto povo, de prepararmos e operarmos uma ofensiva enquanto classe contra as estruturas que nos oprimem, e isto inevitavelmente requer organização. Para isto, do ponto de vista do projeto de poder popular e dos movimentos sociais, acreditamos que a tarefa é preparar pacientemente o trabalho de base nos espaços da nossa classe (sindicatos, bairros, favelas, ocupações, comunidades, assentamentos, etc.). Reconstruir os laços sociais destruídos pelo capitalismo, reforçar a organização popular e atender as necessidades do nosso povo, por meio da ação e da democracia direta, da solidariedade e da autonomia. O trabalho de base requer sistematicidade, perse-

verança e organização e acima de tudo, deve dar protagonismo ao conjunto da classe (e não à meia dúzia de iluminados): o que chamamos de **criar um povo forte**.

Do ponto de vista do anarquismo, defendemos um anarquismo classista, voltado para a luta popular. Um anarquismo que não vá nem a frente, nem se deixe levar à reboque das lutas, mas que se constitua como uma ferramenta revolucionária, dentre as possíveis, de emancipação popular. Para reunirmos nossas forças, defendemos a necessidade da **organização específica anarquista**; fundamental para concentrar as energias dos/as anarquistas em tarefas articuladas coletivamente sob um fundo estratégico comum.

Neste sentido, a última década assistiu a um passo muito importante para os/as anarquistas em solo brasileiro. Juntos/as às organizações que compõem o **Fórum do Anarquismo Organizado (FAO - Brasil)**, caminhamos modestamente, na articulação de um projeto nacional de anarquismo. Este projeto, em permanente construção, ainda tem muito o que realizar, mas sem dúvida nenhuma é um passo relevante no amadurecimento organizativo do anarquismo brasileiro.

Notas:

1. Como a Comuna de Paris.
2. Chamados à época de coletivistas.
3. Que curiosamente mantinham uma aliança com os comunistas do PCB.
4. Os soviets existiam desde 1905 na Rússia. Fruto da experiência da classe, os comunistas em 1905 condenavam a participação dos bolcheviques nos soviets.
5. Não confundir com o Partido Comunista de orientação marxista-leninista, fundado em 1922. O termo comunismo também era utilizado pelos anarquistas no período.
6. Referimo-nos a *Ação Direta, A Plebe* (2ª edição) e *Remodelações*. Fundamental citar também o jornal *Ação Sindical*.
7. Anterior ao stalinismo, diga-se de passagem. Em 1921, os marinheiros e militantes de esquerda que divergiam do aparelhamento do Partido Bolchevique foram fuzilados, deportados e presos pelo governo bolchevique, pelas ordens de Lênin e Trotsky.
8. Defendemos que uma classe dominante não se define apenas pela apropriação da mais-valia, mas também pela **gestão** do modo de produção.
9. Como a separação dirigentes e executores, característica do capitalismo.



20 ANOS

EDIÇÃO ESPECIAL DOS 20 ANOS DO INFORMATIVO LIBERA (1991 - 2011)

LIBERA: DUAS DÉCADAS NO CALOR DA LUTA

Em fevereiro de 1991, Ideal Peres e Esther Redes decidiram se afastar do *Círculo de Estudos Libertários* (CEL), que haviam ajudado a fundar em 1986. Ideal afirmou, então, que gostaria de se dedicar mais a divulgar o anarquismo através de viagens para outros estados. Era o momento da “passagem de bastão” para os mais jovens, naquele que era o mais importante espaço libertário da cidade, funcionando todas às terças-feiras na escola Senador Corrêa, no bairro de Laranjeiras.

Desde os últimos meses de 1990, as atividades do CEL haviam ficado descontínuas e, por isso, a frequência de público caiu bastante. Em maio de 1991 resolvemos “sacudir a poeira” e reorganizar as atividades semanais, investindo em palestras e debates marcados e divulgados com antecedência. Para isso, decidimos criar um informativo, voltado principalmente para a divulgação das atividades do CEL, além da divulgação de textos libertários. A primeira reunião para deliberar sobre a criação do informativo aconteceu em meados daquele mês, no bar da estação de bondes da Rua Senador Dantas, no Centro. Estavam presentes além de mim, Pedro Kroupa, Célia Regina Costa e Jaury de Oliveira. Para começar, precisávamos de um nome para a publicação, e não demorou muito para que o Pedro sugerisse o título do filme de Mauro Bolognini lançado em 1973: *Libera, amore mio!*... Aceito prontamente pela “assembleia fundadora”, deliberamos quem escreveria o texto de abertura, o prazo para fechar o calendário de atividades do CEL,

a tiragem inicial e como seria o cabeçalho. Em uma época que os PCs apenas começavam a ser usados nas empresas e pouquíssimos os tinham em casa, a companheira Célia, que trabalhava na Petrobras, imprimiu na empresa os dois primeiros cabeçalhos do informativo, que foram utilizados em seus dois primeiros números. Como o nome *Libera amore mio* era um pouco longo, o “*Libera...*” ficaria isolado no alto da primeira página e o “*...amore mio*” no verso. Desde o princípio, o que no título do filme pronunciava-se “*Libera*”, passou a ser “*Libéra*”, como até hoje.

A primeira fase do *Libera...* foi bastante artesanal e duraria até setembro do ano seguinte. A tiragem dos primeiros números não passava de 200 exemplares, xerocados no Centro da cidade e distribuídos nas reuniões do CEL, universidades, locais de trabalho e despachados pelo Correio para uma pequena

lista. O efeito no CEL foi quase que imediato, tendo aumentado a frequência nas atividades e, consequentemente, o número de contribuintes fixos e eventuais. Nesse período, Pedro conheceu uma diretora do Sindicato dos Metroviários, localizado perto da Cinelândia, que nos franqueou a

articularam uma “Rede de Informações Libertárias”, cujos “nós” seriam os informativos locais (*Libera.../RJ*, *Liberô Geral/SP*, *Libernet/SC*, *Via Direta/PR*). A partir desse evento, alguns companheir@s com maior conhecimento de editoração de textos se aproximaram e o *Libera* passou a apresentar não só uma aparência melhor, como a qualidade dos textos melhorou progressivamente. O *Libera...*, apesar das dificuldades constantes, estabeleceu-se como o maior veículo de comunicação do “movimento anarquista” da época.

Em novembro de 1995 (#54), o *Libera...* deixa de informar as atividades semanais do agora *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* (CELIP) e passa a priorizar a divulgação de textos teóricos, históricos e as Notícias Libertárias. Nesses anos, o nosso informativo passa a apoiar o processo conhecido como “Construção Anarquista Brasileira”, ainda que uma observação atenta ao seu conteúdo constatará que, longe de pregar um anarquismo sectário, ele “conversava” amplamente com os acontecimentos contemporâneos que enchiam as páginas dos periódicos da imprensa burguesa; isso sempre a partir de uma perspectiva crítica e libertária. A *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG),

a primeira organização especificista brasileira, declarou que “Em 98, a propaganda libertária veiculada por organizações específicas anarquistas foi suspensa por razões de um processo interno e o órgão que sustentou com mais regularidade essa lacuna foi o *Libera... amore mio*, do *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres* do

LIBERA...
INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS/RJ

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...

LIBERA...
INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

Rio de Janeiro (CELIP-RJ), o boletim com maior circulação no movimento anarquista brasileiro após a ditadura dos governos militares. Esse boletim, apesar de suas limitações de espaço, foi e segue sendo incansável divulgador das idéias e experiências concretas de anarquismo militante no país” (*Projeto Taller de Artes Graficas - FAG, 2001*).

“Dentre muitos outros assuntos, o *Libera...* tratou de fazer uma série de críticas ao neoliberalismo defendido por Fernando Henrique Cardoso e pelo PSDB, criticou fortemente a institucionalização e o “aburguesamento” da antiga esquerda do PT; enfatizou: “A esquerda institucional prefere envidar esforços em aperfeiçoar e humanizar o capitalismo do que arriscar as estratégias parlamentares para destruí-lo.” Tratou ainda do assassinato do índio Galdino e dos crimes cometidos pela elite brasileira, da repressão no Brasil e na América Latina, tratou de discutir o Plano Real e o euro; o neoliberalismo e a ideologia de Fukuyama; as priva-

tizações, terceirizações e os direitos trabalhistas; os direitos da mulher; o MST e a luta pela terra; o bombardeio dos EUA no Sudão; a guerra do Kosovo; o encontro da OMC; os zapatistas e os encontros que foram promovidos na época – como o Encontro pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, ocorrido em Belém; a violência sob diversas perspectivas; a comunicação popular; os ataques de 11 de setembro e o terrorismo; ONGs e o terceiro setor; os diversos preconceitos, entre eles contra o povo negro; a crise argentina de 2001; e vários outros temas. Além disso, o *Libera...* abriu espaço para a divulgação do surgimento de novos grupos, movimentos, novas formas de articulação, encontros, campanhas, e outras iniciativas libertárias. Recordou, ainda, uma série de lutas e de militantes anarquistas do Brasil e de outros lugares do mundo e reproduziu textos clássicos e históricos do anarquismo.” (Felipe Corrêa, 2007).

A partir de seu número 119, o agora apenas *Libera* passou a ser o infor-

mativo da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)*, fundada em agosto de 2003.

Como não há espaço suficiente para homenagear aqui as dezenas de companheiros e companheiras que colaboraram com o *Libera* durante essas duas décadas, gostaria de fazê-lo através de dois de seus fundadores: **Célia Regina**, valorosa lutadora do anarquismo e da categoria petroleira, que nos deixou em fevereiro de 2008; e **Pedro Kroupa**, velho amigo e companheiro que vem enfrentando com coragem os problemas de saúde, saiba que poderá contar sempre com nosso apoio e respeito.

Longa vida ao Libera!

Viva o Anarquismo!

**Ética, Compromisso,
Liberdade!**

Renato Ramos



Libera: muitos aniversários e um recorde

Em junho deste ano o *Libera*, informativo da FARJ, completará uma importante marca; **vinte anos de existência**. Ao fazermos uma retrospectiva desde sua primeira edição, verificamos que ele está prestes a completar dois outros aniversários. Embora não sejam datas “redondas” como a de seu vigésimo aniversário, também assinalam momentos importantes na vida da publicação. Um deles é relativo à data em que se tornou o informativo da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro*, na sua edição número 119, de julho/agosto de 2003, há 31 números atrás, logo após a fundação da FARJ e o outro marca o instante em que foi adotado o seu formato atual, o que ocorreu no seu número 136 (julho/dezembro 2006).

Foi uma caminhada longa e não livre de percalços, essas duas décadas de vida do nosso informativo. Quando

veio à luz em junho de 1991, apenas pretendia divulgar as atividades do então *Círculo de Estudos Libertários (CEL)*, funcionando na Escola Senador Correia em Laranjeiras, na iniciativa de reunir os anarquistas do Rio após o final da ditadura militar. Verificamos neste período o aparecimento de diversos apelos no *Libera* aos militantes no sentido de que contribuíssem financeiramente para que a publicação fosse mantida, em vista das dificuldades econômicas para sua edição. Com o falecimento de Ideal Peres, militante seminal no movimento anarquista do Rio em 16 de agosto de 1995, o CEL torna-se o CELIP (*Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres*) e o *Libera* passa a ser seu informativo, condição em que permanecerá até a fundação da FARJ em 2003.

Por outro lado, analisando o *Libera* dentro de uma perspectiva histórica

das publicações anarquistas do Brasil, sua existência apresenta particularidades bastante interessantes. Desde que façamos uma comparação entre o tempo de sua existência com o de outras publicações de conteúdo ácrata/libertário, em um universo de 264 jornais e revistas, de cunho operário, sindical ou especificamente anarquista, editadas no país de 1892 a 2010, constatamos que o *Libera* demonstra a maior longevidade. Seus vinte anos de circulação aparentemente estariam aquém do histórico *A Plebe* de São Paulo. Este importantíssimo jornal anarquista foi editado entre 1917 e 1951. No entanto, basta recordar sua interrupção em 1924 durante o estado de sítio do governo de Artur Bernardes, seu breve reaparecimento em 1927 quando foi novamente fechado por dar destaque às manifestações contra o assassinato legalizado de Sacco e Vanzetti nos Estados Unidos e à divulgação

das atrocidades cometidas contra os presos políticos do Campo de Concentração de Clevelândia no Amapá. *A Plebe* só voltaria a ser editada em 1932 para voltar a ser proibida em 1935 dentro da repressão desencadeada por Getúlio Vargas (pai dos pobres e mãe dos ricos) na esteira do falhado movimento insurrecional promovido pelo PCB em 1935. Sua última fase ocorreu de 1947 a 1951, depois do que não voltou a circular. *O Inimigo do Rei*, publicação anarquista que marcou época na história do movimento no Brasil, circulou durante dez anos (1977 a 1987) e apareceu em duas fases distintas. Voltando mais no tempo, topamos com o jornal específico anarquista de Porto Alegre *A Luta*. Ele circulou em um primeiro período de 1906 a 1911, depois de 1916 a 1918 e finalmente de 1928 a 1930.

Estas publicações ácratas não puderam circular durante determinados períodos por obstáculos colocados pela conjuntura. Entretanto, algumas conseguiram manter certa regularidade, sem grandes interrupções durante períodos mais longos. Este foi o caso de *Ação Direta*, que circulou no Rio de Janeiro durante 13 anos consecutivos, de 1946 a 1959. Outro sucesso de longevidade é a revista *Letra Livre* da editora Achiamé, que iniciou sua edição em 1995 e nunca cessou suas atividades. Conta, portanto, com 16 anos de aparecimento ininterrupto. Face a todas estas importantes iniciativas da imprensa libertária, o *Libera*, publicado há 20 anos sem cessar, constitui, portanto, o informativo anarquista ininterrupto mais longo do Brasil.

PARABÉNS LIBERA! Não só pelos seus aniversários que são também o de todos as/os compas que o lêem, nele colaboraram e colaboram, mantendo-o dinâmico, representativo e expressivo de nosso movimento, mas também pela sua importância em abastecer de sonhos e perspectivas nossas lutas e desafios.

Milton Lopes



eleito para dirigir a *Associação Operária Independente*, sediada em Vila Isabel⁶ - foi a campanha contra a carestia de vida, que em 1913 realizou grandes comícios em diversos pontos da cidade, abrindo a 2 de março daquele ano, com o que teve lugar em Vila Isabel⁷.



Teares da Fábrica Confiança.

Matera também esteve diretamente ligado à propaganda específica anarquista no bairro, uma vez que participou do *Centro de Estudos Sociais* de Vila Isabel, fundado em 1913 como uma ramificação do *Centro de Estudos Sociais* do Rio de Janeiro, que funcionava no *Centro Cosmopolita* à rua do Senado 215, cujas reuniões ocorriam no prédio da *Escola 1º de Maio*. A educação para Matera também não se limitava à questão operária. Em 1915 foi um dos anarquistas signatários de moção contra o diretor da Escola Normal, Hans Heilborn, que impunha severas normas àquele estabelecimento de educação feminina para o professorado, em uma época e que esta era talvez a única profissão acessível à mulher fora de suas casas⁸. No ano seguinte Matera está entre os signatários de outro documento, este publicado em folheto, intitulado *Os Anarquistas perante a Organização Sindical*, em que se procurava demonstrar que os sindicatos eram entidades de classe e não poderiam nunca tornarem-se organismos políticos anarquistas⁹.

A então Praça 7 de Março, hoje Barão de Drummond, foi palco de diversas manifestações de protesto dos trabalhadores, inclusive com a presença de Matera. Isto aconteceu, por exemplo, a 1º de maio de 1917. Para aquela data a FORJ programou vários atos públicos tendo como temas o combate à Primeira Guerra Mundial (que rebentara em agosto de 1914 e de que o Brasil viria a participar a partir de outubro de 1917), o custo de vida e a tomada de posição favorável à Revolução Russa, que os anarquistas julgavam ainda estar adotando rumos libertários. Realizados em vários pontos da cidade, o comício da Praça Sete teve como oradores além do próprio Pedro Matera, Constantino Machado e Valen-

tim Rodrigues¹⁰. Durante o ano de 1917 Matera figurava como diretor do jornal *Liberdade*, editado por ele e outros companheiros. *Liberdade, Periódico de Crítica Social e Notícias* circulou no período de 1917 a 1919, tendo sua redação e administração inicialmente localizada à rua Teodoro da Silva, 150, e depois na rua Silva Pinto, 6. Jornal específico anarquista, tinha entre seus colaboradores militantes em destaque na época como José Caiazza, Andrade Cadete, José Bacelar, o padeiro e poeta libertário Lírio de Rezende, os professores José Oiticica e Rui Gonçalves e o escritor Fábio Luz, que o substituiu como diretor, quando Matera foi preso e sua redação teve que se mudar para S. Cristóvão à rua S. Luís Gonzaga 17.

A detenção de Matera acontecera a 24 de novembro de 1918, sob acusação de ter participado de tentativa insurrecional anarquista a 18 de novembro e inseria-se em uma onda de prisões desencadeada pelo governo contra militantes anarquistas¹¹. O movimento operário mobiliza-se a favor dos presos políticos e contra a repressão, manifestando-se através de sua imprensa e organizando festival no *Centro Galego* à rua da Constituição para arrecadar fundos em seu benefício, ocasião em que as filhas de Matera, Nair e América, participaram como atrizes em peças de cunho social ali representadas¹². Matera já havia sido detido anteriormente em 1917 no rastro do fechamento da FORJ e do *Centro Cosmopolita* pelo chefe de polícia Aurelino Leal pelo apoio prestado pelos trabalhadores do Rio aos de São Paulo que se encontravam em greve geral, tendo iniciado movimento de paralisação também na então capital federal. Este fato motivou corajoso artigo do professor José Oiticica endereçado a Aurelino Leal, publicado no jornal *A Rua* em 19 de abril de 1918, em que colocava Matera em uma lista de presos que seriam “homens de uma energia moral a toda a prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamo altamente como título de honra.” Oiticica em seu artigo contrapunha a elevada ética dos militantes detidos com “o antro de patifes, assas-



A vila operária e o muro da Fábrica Confiança.

sinos, bêbados e ladrões que compõem a polícia secreta de Vossa Excelência”¹³. Já em liberdade, Matera compareceu a uma reunião do recém fundado *Partido Socialista do Brasil*, sem inserção no movimento operário, realizada em um cinema no Catumbi, quando afirmou à platéia: *Pensei que se tratava de uma reunião proletária e encontro meia dúzia de mocinhos bonitos*¹⁴.

Os esforços de Matera em favor da educação, organização e luta dos trabalhadores levaram-no a ser escolhido pra representar a *União Operária Fabril de S. Cristóvão* no 3º Congresso Operário Brasileiro, realizado de 13 a 20 de abril de 1920 na sede da *União dos Operários em Fábricas de Tecidos*, situada à rua do Acre, 19¹⁵. Isto ocorreu logo após ser novamente detido e quase deportado, tendo sido solto a 31 de março, depois de afirmar que não se importava em ser deportado contanto que sua companheira e seus filhos o acompanhassem¹⁶. A *Escola 1º de Maio*, fechada pelas autoridades, reabriu a 25 de outubro de 1921 em Olaria, à rua Drummond, 51. A 15 de dezembro realizava-se festival artístico-literário no *Centro Galego* a favor da escola, organizado por Matera, também autor da peça então encenada, *Milagre do Santo*¹⁷. A dedicação de Matera ao ensino dos operários e de seus filhos levou-o a ser homenageado pela *União dos Operários em Fábricas de Tecidos* de Petrópolis, que colocaram seu nome (*Escola Operária Professor Pedro Matera*) no estabelecimento de ensino que funcionava em sua sede naquela cidade em 1922, o que vinha a demonstrar mais uma vez seu estreito relacionamento com a categoria dos tecelões e sua inserção em suas lutas¹⁸. Após a fundação do PCB em 1922, Matera viu-se atacado por Astrojildo Pereira na revista *Movimento Comunista*, em artigo em que o então secretário-geral do PCB que havia deixado o anarquismo lhe atribuía autoria de artigo sob pseudônimo em jornal carioca em que eram anunciados os des-caminhos a que os bolchevistas haviam conduzido a Revolução Russa¹⁹. Matera teria falecido a 14 de abril de 1934 na Santa Casa, tendo recusado a assistência de um padre em seus últimos momentos²⁰.

Fontes:

1. Relato dos acontecimentos da greve de 1909 baseado em *Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos Relatório Apresentado ao Segundo Congresso Operário Brasileiro Reunido de 9 a 13 de Setembro de 1913 em Voz do Trabalhador*, Ano

VII, nº60, 05/08/1914; *Guerra Social Brasil, Lock Out da Fábrica Confiança na Voz do Trabalhador* ano I, no 9, 17/04/1909; ver ainda as edições da *Voz do Trabalhador* de 17/05/1909, 01/06/1909, 15/06/1909, 08/07/1909, 03/08/1909, 30/08/1909 e 30/10/1909.

2. *Ecoss do 1º de Maio no Brasil, Voz do Trabalhador*, Ano I, nº 11, 17/05/1909.

3. Pedro Matera – *Organização em Voz do Trabalhador*, Ano II, nº 19, 30/10/1909.

4. *Reunião de Propaganda em A Guerra Social Periódico Anarquista*, Ano I, nº 7, 15/10/1911

5. *Festas de Propaganda em Voz do Trabalhador*, Ano VI, nº 24, 01/02/1913.

6. Cláudio H.M. Batalha. *Dicionário do Movimento Operário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 101.

7. *Campanha contra a Carestia de Vida Ação Popular em Voz do Trabalhador*, Ano VI, nº 27, 15/03/1913.

8. Edgar Rodrigues. *Nacionalismo e Cultura Social*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p.93-96.

9. *Ibidem*, p.120-126.

10. *Ibidem*, p. 144.

11. Moniz Bandeira, Clóvis Melo, A.T. Andrade. *O Ano Vermelho, a Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.135.

12. Edgar Rodrigues. *Nacionalismo e Cultura Social*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p.231. O *Centro Galego*, localizado à rua da Constituição, foi cenário de vários festivais libertários, entre os anos de 1903 e 1922.

13. José Oiticica, *Em Defesa da Federação Operária (Carta Aberta ao Chefe de Polícia Dr. Aurelino Leal)* em *Ação Direta*, Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1970, p.52.

14. Moniz Bandeira, Clóvis Melo, A.T. Andrade. *O Ano Vermelho, a Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.156.

15. Edgar Rodrigues. *Nacionalismo e Cultura Social*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p.308.

16. Edgar Rodrigues : *Companheiros 5*. Florianópolis: Editora Insular, 1998, p. 19.

17. *Ibidem*, p. 20.

18. Edgar Rodrigues: *Novos Rumos*. Rio de Janeiro. Mundo Livre, 1978, p.91.

19. Astrojildo Pereira - *Nossa Palavra em Movimento Comunista*, 10-25-de março de 1923.

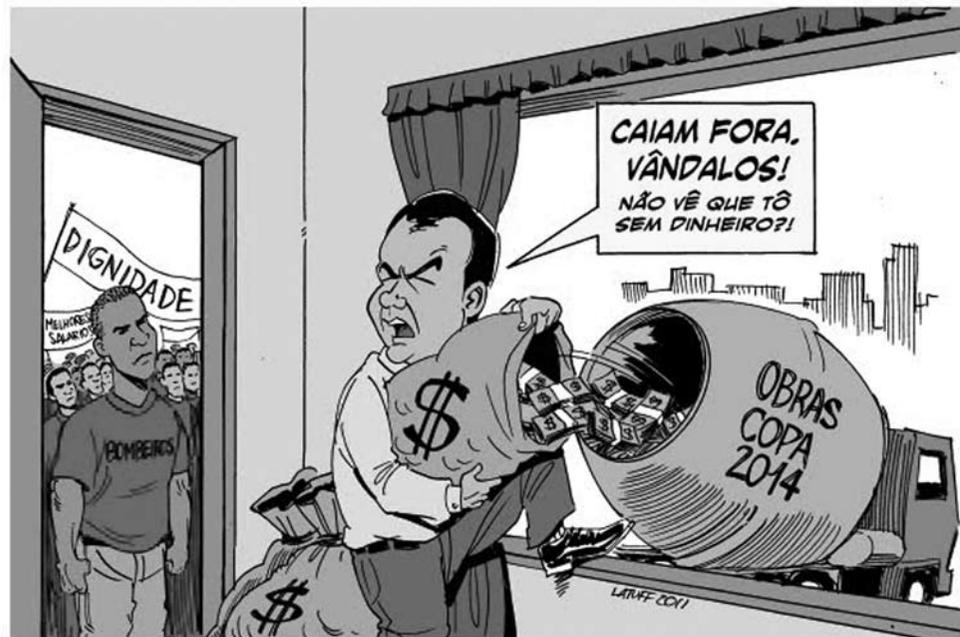
20. Edgar Rodrigues: *Companheiros 5*. Florianópolis: Editora Insular, 1998, p.20. Apesar de Edgar Rodrigues afirmar ter extraído a data de falecimento de Matera do jornal *A Plebe*, publicado em São Paulo, não nos foi possível encontrar qualquer menção ao fato na coleção do jornal relativa ao ano de 1934.

*Este texto é parte de pesquisa intitulada “A Questão Social em Vila Isabel”, cuja versão integral deverá ser publicada brevemente em forma de livro.

Milton Lopes



Nem "putsch" Integralista, nem tomada do Palácio de Inverno: A greve dos bombeiros no Rio



O movimento dos bombeiros do Estado do Rio de Janeiro irrompeu no dia 4 de junho, com a ocupação do prédio centenário do quartel central da corporação. Por força das demandas reprimidas por um código disciplinar rígido, uma estrutura militarizada, somada à completa insensibilidade do que se conhece vulgarmente por poder público, os trabalhadores da referida força militar auxiliar decidiram, em uma investida desesperada, ocupar o que pode ser considerada a sede do poder simbólico de sua categoria.

O resultado de tal ousadia foi a pronta intervenção de outra força auxiliar, a Polícia Militar, na figura do famigerado BOPE, que além de esbanjar truculência acabou por contribuir para a prisão de 439 bombeiros manifestantes. Fato que deu motivo aos mais veementes protestos de setores variados da sociedade. No domingo, 12 de junho, na ensolarada praia de Copacabana, uma multidão estimada em cerca de 50 mil pessoas deu seqüência às manifestações em favor da anistia dos 439 detidos e do reajuste salarial que, aliás, tinha motivado a ação do início daquele mês.

Diante da ocupação realizada pelos bombeiros, o poder público mostrou-se mais preocupado com sua imagem de instabilidade hierárquica e em restabelecer o controle o quanto antes, do que em discutir e apresentar propostas concretas para as reivindicações

dos grevistas. Classificando-os de "vândalos irresponsáveis", o governador e parte da mídia burguesa corporativa tiveram que mudar um pouco o tom acusatório, diante dos apoios que o movimento começou a ganhar por parte de setores populares da sociedade e da categoria dos professores de escolas públicas em greve.

Tal atitude do governador e da mídia, criminalizando um movimento reivindicatório, já era de se esperar vinda de um governo cuja principal "política social" tem sido a ocupação policial intrusiva de favelas cariocas, coincidentemente aquelas localizadas na zona sul e nas regiões estratégicas para os futuros empreendimentos e mega eventos que virão como, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

O episódio dos bombeiros expõe um pouco as feridas no tecido social, que décadas de uma cultura política de des-caso e corrupção não deixam cicatrizar. Mostram a incompetência e oportunismo de políticas governamentais que fomentam apenas a especulação imobiliária, o lucro das empreiteiras e os interesses dos grandes capitais empresariais de investirem no Rio de Janeiro como se fosse seu parque de diversões. Os grandes continuam fatu-rando alto através de empreendimentos que quase sempre contam com grandes quantias de dinheiro público. Enquanto isso, moradia, saúde, educação, saneamento, transportes públicos

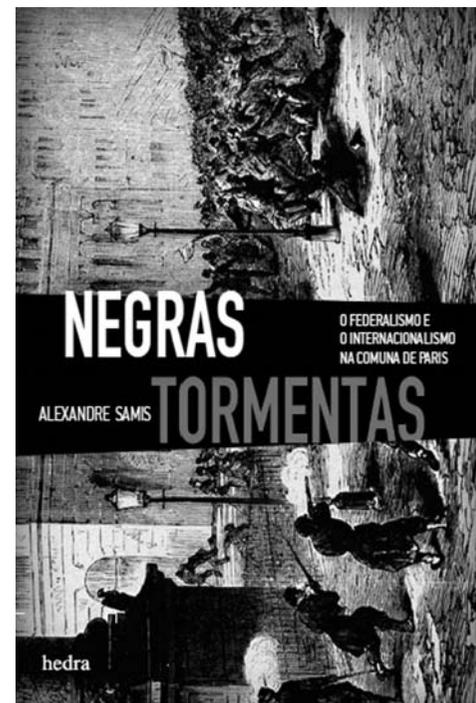
e outras importantes demandas da população permanecem no total abandono por parte do Estado. Conseqüentemente, muitos destes serviços são constituídos também por categorias de trabalhadores extremamente precarizados, recebendo humilhantes salários defasados.

O movimento, agora plenamente constituído, evidencia algumas de suas características que, até então escamoteadas por uma pauta justíssima, não eram facilmente divisadas. Um comando formado por setores evangélicos conservadores, políticos nacionalistas e o MV-Brasil, a face moderna do integralismo, uma tríade nefasta para os rumos do movimento. A despeito da clara disposição em enfrentar o governo, manifestada durante a ocupação do quartel central, o que possibilitou inclusive a aproximação imediata da esquerda burocrática – PC do B, PSOL e PSTU –, na passeata de 12 de junho, as "lideranças" já gritavam slogans pautados pela moderação, em uma atitude manifestamente conciliatória.

Mergulhados nas suas nostalgias autoritárias, tanto os nacionalistas, que sonham com a reedição do *putsch* integralista de 1938, em uma versão burlesca e atenuada; como os neo-bolcheviques, em seus diversos matizes, ao forçarem uma analogia com a tomada do Palácio de Inverno, pensam menos em indagar os protagonistas reais dos eventos sobre suas necessidades, do que disputar entre si a liderança ou a vanguarda dos eventos de rua. Batalha que certamente, por se encontrar divorciada do movimento real, só encontra razão no campo da política tradicional burguesa.

De nossa parte, como no mais, o movimento de base dos bombeiros só será de fato objeto do campo revolucionário se, emancipado das vias tradicionais, buscar a aliança com os movimentos sociais mais combativos. Aqueles que já apontaram, através da ação direta e solidariedade entre os produtores, o caminho da emancipação da classe, que só pode ser atingido pela negação clara e definitiva dos poderes do Estado.

Lançamento!
"Negras Tormentas
o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris!"
de Alexandre Samis
Editora Hedra



Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, jornais, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790,
Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

A. Carvalho	Fanzine O Berro
A. Copelli	Fontes
Adriana	Katonigra
Alga	Marcia
Bernardo	Rudesindo
Caralâmpio	Tavares
Cav-Negro	Fernanda e Thiago
Duarte da Paz	WSM (Irlanda)
Durden Poulain	

Apoie você também!
farj@riseup.net

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

As veias do povo sempre abertas!!

O banho de sangue em favor da expansão do modelo agrícola capitalista segue fazendo de suas vítimas o povo.

“No mesmo dia em que no Congresso Nacional se votava um Código de Desmatamento em substituição ao Código Florestal, em Nova Ipixuna no Pará um casal de assentados era brutalmente assassinado justamente por lutar contra o desmatamento. Dois dias depois, em Vista Alegre do Abunã em Rondônia, outro líder camponês era assassinado por seu envolvimento na luta contra o desmatamento na Amazônia.”¹

Não é difícil entender, nem exagerado afirmar, que é com o sangue de trabalhadores rurais que se assinam as mudanças no Código Florestal, dado o sentimento de impunidade que paira sobre os barões do desmatamento após a aprovação do documento.

De acordo com o relatório do deputado Aldo Rebelo (PCdoB – SP) aprovado na Câmara dos Deputados, o mesmo prevê anistia a quem desmatou até 22 de julho de 2008, ou seja, o proprietário ou possuidor não poderá ser autuado e serão suspensas as sanções decorrentes de infrações cometidas antes da referida data relativas à supressão irregular de vegetação em áreas de reserva legal, áreas de preservação permanente e áreas de uso restrito. O perdão para poderosos não significa o perdão para as famílias das vítimas dos trabalhadores que morreram na luta contra o desmatamento e à favor de uma agricultura familiar ecológica. Estas mudanças futuramente ainda alimentam a possibilidade de novos pacotes de anistias com a crescente expansão do capital sobre o povo e a terra.

É na luta que continuaremos nos afirmando cada vez mais cientes de que não é na burguesia nem no Estado que encontraremos aliados, mas sim na organização dos movimentos populares que propõem a vida e a liberdade acima de qualquer coisa.

1. Do site do MST: <http://www.mst.org.br/nodel11875>

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

DEPOIMENTOS PARA O LIBERA:

O Núcleo de Pesquisa Marques da Costa pretende lançar no dia 19 de novembro, quando comemoraremos 10 anos da *Biblioteca Social Fábio Luz* (fundada em 18/11/2001), um DVD com todos os *Liberas* digitalizados, bem como textos sobre a história do informativo e depoimentos de seus leitores. Pedimos, portanto, que você leitor/a nos envie seu depoimento para farj@riseup.net, narrando como conheceu o *Libera*, o que este significou para você e o anarquismo na sua região, etc. Memória é luta! Contribua para a preservação da história da imprensa libertária.

Larry Portis (USA 1943 – França 2011): Recebemos a triste notícia do falecimento do companheiro Larry Lee Portis, ocorrida no dia 4 de junho passado. Larry esteve conosco durante vários dias em 2004, durante o *Colóquio Internacional Libertário – História do Movimento Operário Revolucionário*, onde fez brilhante intervenção. Foi professor universitário e autor de mais de uma dezena de livros sobre história do pensamento político, movimentos sociais, política externa norte-americana e cultura popular, bem como colaborador de diversos periódicos libertários. Fica aqui o nosso fraterno abraço a sua companheira, Christiane Passevant.



Larry Portis (1943-2011)

FACA: A FARJ saúda a *Federação Anarco-Comunista Argentina* (FACA) fundada em março passado, que reúne as Colunas Joaquín Penina (Rosário), Errico Malatesta e Buenaventura Durruti, ambas de Buenos Aires. Nossa corrente avança cada vez mais em nosso continente, fruto de décadas de trabalho sério e comprometido com as lutas populares e o anarquismo. *Viva la FACA!* (Conheça a FACA pelo site <http://lafaca.org>).

10ª Jornada de Agroecologia: Foi realizada em Londrina/PR, entre os dias 22 e 25 de junho, organizada pela Via Campesina.

A Universidade Estadual de Londrina recebeu aproximadamente 4.000 pessoas, entre camponeses ligados aos movimentos sociais e apoiadores, que mais uma vez demonstraram a capacidade de organização do movimento social. Também não faltou o apoio e a solidariedade de classe de diversos produtores da região, que se dirigiram para o encontro com o intuito de doar alimentos e sementes aos participantes. Entre seminários, oficinas, místicas, trabalhos coletivos e atividades culturais, brigadas oriundas de diversos estados se dividiram e buscaram acumular conhecimento sobre os mais variados temas, buscando retornar com essa informação para seus assentamentos, acampamentos, ocupações ou comunidades, esperando utilizá-lo certamente na prática social do dia a dia. O Núcleo de Alimentação e Saúde *Germinal* de Curitiba ministrou duas oficinas que contaram com a participação de 25 companheir@s por dia. Uma das oficinas foi voltada ao trabalho de apoio que o *Germinal* desenvolve na Horta Agroecológica da Escola Estadual Manoel Ribas, localizada no Prado Velho; a outra tratou dos planos IIRSA e PAC e os impactos na luta dos movimentos sociais. O *Coletivo Anarquista Luta de Classe*, de Curitiba, montou a banca de livros e materiais libertários por três dias do evento em um amplo espaço voltado à comercialização de produtos. Muitos exemplares do *Libera* e do *Socialismo Libertário* foram distribuídos, muito contatos com nov@s companheir@s, enfim, um importante espaço para a propaganda das idéias defendidas pelo anarquismo organizado no Brasil. Mas o que há de se destacar é que as Jornadas de Agroecologia, passados 10 anos de sua primeira realização (quando reuniu brav@s 300 participantes na cidade de Cascavel/PR), se consolida como um espaço onde @s explorad@s se encontram para repensar e apresentar suas práticas no trabalho do campo, na educação e na organização popular cotidiana, buscando contudo construir mais a frente uma sociedade socialista pautada pela liberdade. Vida longa às Jornadas de Agroecologia!

Curso de Formação Política do FAO-Região Sul: Reuniram-se em Curitiba, entre 23 e 24 de julho, algumas organizações especificistas do anarquismo brasileiro e também individualidades com afinidades com essa proposta para uma formação do *Fórum do Anarquismo Organizado* (FAO), conduzida pela *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG) e organizada pelo *Coletivo Anarquista Luta de Classes* (CALC), de Curitiba. Além da FAG e do CALC, estiveram presentes as se-

guintes organizações: *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ), *Organização Anarquista Socialismo Libertário* (OASL/SP), *Organização Dias de Luta*, de Joinville, além de individualidades de Florianópolis e de outras regiões do Sul/Sudeste do Brasil com afinidade com a proposta do anarquismo especificista. Mais informações: <http://coletivoanarquistalutadeclassa.wordpress.com>

Novos livros: Lançados pela Editora Faísca os livros *Problemas e Possibilidades do Anarquismo* (José Antonio Gutiérrez Danton, 148 págs.) e *Poder, Classe Operária e “Ditadura do Proletariado”* (René Berthier, 148 págs., co-edição com a Imaginário), que podem ser adquiridos pelo site <http://www.editorafaisca.net>. Aproveitem para adquirir também o programa da FARJ, publicado no livro *Anarquismo Social e Organização* # Não deixe de conhecer a estante virtual da Achiamé Editora, com diversos títulos de interesse: *A Ideologia do Anarquismo* (Rudolph Rocker, 20 p.); *Anarquismo, Roteiro de Libertação Social* (Edgard Leuenroth, 208 p.); *Um Episódio de Amor Livre na Colônia Cecília* (Giovanni Rossi, 94 p.); *Atuação Libertária no Brasil, a Federação Anarco-sindicalista* (Oscar Farinha, 124 p.), entre outros (acesse <http://achiamé.com/portal> ou escreva para achiamé_livros@yahoo.com.br) # Editado pela *Fundação de Estudos Libertários Anselmo Lorenzo* o livro *Escritoras Anarco-feministas en la Revista Blanca* (1898-1936), de Antonio Prado. Adquirá esse e outros títulos pelo site <http://fal.cnt.es/tienda>. # Publicados recentemente pela Editora Imaginário, os livros de Elisée Reclus, *O Brasil e a Colonização* e *O Homem e a Terra: a Indústria e o Comércio*, bem como o livro de René Berthier e Eric Vilain, *Marxismo e Anarquismo*. Compras por <http://www.editoraimaginario.com.br>. # Lançado na Colômbia pela *Editorial Gato Negro* e *Distribuidora Libertaria Rojinegro* o livro *Anarquismo y Poder Popular – Teoría y Práctica Suramericana*, com um texto do companheiro Felipe Corrêa (*Crear um Pueblo Fuerte*, pg. 127). O livro pode ser baixado pelo site <http://zinelibrary.info/files/A&p%20%20maqueta.pdf>

No Batente: No dia 22 de julho, em meio ao I Curso de Formação Política do FAO – Região Sul, foi lançado o # 1 do jornal *No Batente*, periódico editado pelo *Coletivo Anarquista Luta de Classe* (CALC) de Curitiba/PR, cujo objetivo é ser um veículo informativo das lutas sociais contemporâneas, onde está presente a militância do Anarquismo Organizado, fazendo também sempre que for possível, o necessário resgate das lutas protagonizadas pelas classes exploradas, além de publicar textos clássicos e contemporâneos da teoria política libertária. Em breve o jornal estará no blog: <http://coletivoanarquistalutadeclassa.wordpress.com> (Fonte: CALC).



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: FAO www.vermelhoenegro.org * ORL - CE resistencialibertaria@riseup.net * FASP www.anarquismosp.org * FAG www.vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * CAZP - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-CAO <http://pro-cao.blogspot.com> * GEIPA <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * VN - BA www.vermelhoenegrofao.wordpress.com * CALC <http://coletivoanarquistalutadeclassa.wordpress.com> * ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net * ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CLJP www.cljp.com.ar * COLÔMBIA: RLPMK <http://www.redlibertariapmk.org> * BOLÍVIA: OARS <http://www.oars.tk> * CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com * CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> * COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudos la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> * CAMA <http://espora.org/cama> * PERU: USL www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-OSL * FAU www.nodo50.org/fau * CSL <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net * UCL www.causecommune.net * ITÁLIA: FDCA www.fdca.it * IRLANDA: WSM www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es * www.anarkismo.net